

ALICERCES SEGUROS DA AMIZADE

— Presidente Samora Machel

N. 29/6/82 p.5

O Presidente Samora Machel proferiu o seguinte discurso no banquete de Estado que ofereceu na noite de domingo ao Primeiro-Ministro português, Pinto Balsemão:

Sua Excelência Senhor Doutor Francisco Pinto Balsemão Primeiro-Ministro da República Portuguesa.

Senhora Dona Mercedes Balsemão, Minhas Senhoras, Meus Senhores,

Recebemos esta manhã na capital do nosso País o Primeiro-Ministro Português, com alegria e emoção, sentimentos que testemunham a grande amizade que liga os nossos dois Povos.

Em nome do Povo e do Governo da República Popular de Moçambique transmito-lhe as mais calorosas saudações a si, Excelência, à sua esposa, e à importante delegação que o acompanha.

Bem-vindo à República Popular de Moçambique, país amigo, Pátria de um povo laborioso, amante da paz, cioso da sua independência e que por ela tem sabido aceitar os mais altos sacrifícios.

Sinta-se bem no nosso País, sinta-se entre amigos.

Nesta terra moçambicana, Senhor Primeiro-Ministro, trabalha-se para valorizar a vida, dignificar o homem, criar felicidade para as nossas crianças, os continuadores da nossa revolução.

E esta vontade permanente de edificar um futuro de bem-estar e prosperidade que enraíza cada vez mais no nosso Povo o amor à Paz.

E este conteúdo profundamente humano da nossa luta que nos exige o aprofundamento da batalha contra todos os preconceitos raciais, religiosos e tribais.

Senhor Primeiro-Ministro,

O Mundo acompanha com expectativa a visita que Vossa Excelência inicia hoje ao nosso País. Nós podemos compreender esta expectativa, porque não é fácil que depois de uma guerra, dois países possam, em tão curto espaço de tempo, encontrar os caminhos de uma cooperação frutífera para o benefício dos seus dois povos.

A sua visita, Senhor Primeiro-Ministro, é um acontecimento extremamente importante. Ela contribui para o reforço do entendimento que caracteriza hoje as relações francas e abertas que já estabelecemos.

Queremos, nesta ocasião, reconhecer a contribuição pessoal de Francisco Pinto Balsemão para os relevantes resultados já conseguidos. Sabemos que, no processo de solução do chamado contencioso económico-financeiro, Vossa Excelência teve uma

acção fundamental no apoio à iniciativa do falecido Primeiro-Ministro Sá Carneiro.

O Governo que Vossa Excelência dirige tem acolhido de forma calorosa e com espírito positivo as delegações a diversos níveis do nosso Estado.

A histórica visita do Presidente da República Portuguesa, General Ramalho Eanes ao nosso País, veio consolidar as relações ao nível dos nossos Estados. A compreensão e a confiança renovadas impulsionaram os contactos e multiplicaram os nossos esforços para desenvolver e consolidar a nossa cooperação.

No encontro que tivemos esta tarde, pudemos verificar a identidade de pontos de vista em vários domínios, e a perspectiva comum para o desenvolvimento e aprofundamento das nossas relações.

A história recente da cooperação entre os nossos países prova que podemos transformar radicalmente as rela-

ções económicas e culturais do passado. Os nossos dois países têm recursos e necessidades diferentes que, em muitos casos, são complementares. Os passos que já foram dados na cooperação entre Portugal e Moçambique, as perspectivas já abertas, as possibilidades já identificadas, confirmam que existe campo para uma cooperação mutuamente vantajosa.

A cooperação técnica com Portugal, nos mais diversos sectores, constitui um dos aspectos mais importantes no reforço das nossas relações.

Em Moçambique em todas as Províncias, de Norte a Sul, trabalham conosco muitos portugueses: são professores, médicos, engenheiros, técnicos, operários. Valorizamos altamente a sua presença lado a lado com os nossos trabalhadores, valorizamos a sua contribuição ao desenvolvimento do nosso País.

Saudamos o seu esforço, a sua dedicação, o seu trabalho, a sua coragem e firmeza perante a acção criminosa

dirigida pelo regime nazi-fascista da África do Sul.

Recordamos com respeito e emoção os cidadãos portugueses que foram vítimas desta política desumana de violência terrorista.

A República Popular de Moçambique é um país jovem que só agora pode construir a base económica e social que lhe vai permitir vencer o atraso que lhe foi imposto pela história.

Este atraso económico e social não é o resultado de factores climáticos ou naturais. Pelo contrário, a terra e o clima são generosos.

Nem é resultado de factores demográficos, ou antropológicos. O nosso povo é laborioso e dedicado.

O subdesenvolvimento também não pode ser explicado pela suposta inaptidão de acompanhar a revolução técnica e científica.

O subdesenvolvimento no nosso País é um fenómeno comum a todos os povos que foram submetidos à colonização, acentuada pela natureza injusta das actuais relações económicas internacionais.

Na República Popular de Moçambique,

que as condições de subdesenvolvimento são agravadas pela guerra sistémica fomentada e promovida pelo imperialismo para impedir a consolidação do nosso poder político e a libertação económica. Aos 10 anos de guerra colonial, seguiu-se a guerra de agressão que nos foi movida pelo regime minoritário, ilegal e rebelde da Rodésia do Sul.

Presentemente, o regime racista e nazi-fascista sul-africano move-nos uma guerra não declarada, que de novo visa não só o assassinato do nosso povo, como também os nossos projectos de desenvolvimento económico e social.

Apesar das agressões, apesar do fraco desenvolvimento das nossas forças produtivas, fomos capazes já de criar as condições necessárias para materializar a nossa estratégia de desenvolvimento.

Hoje sabemos o que a nossa economia foi no passado, o que ela é agora e o que ela vai ser no futuro.

Sabemos que neste processo o factor decisivo é o talento, a capacidade e a inteligência do homem moçambicano.

Sabemos também que a cooperação, concebida como acção mutuamente vantajosa, com base no respeito recíproco é um factor importante. A cooperação real constrói a Paz, consolida a amizade entre os povos e promove a igualdade entre as nações.

Estão criadas as condições para que a cooperação entre a República Popular de Moçambique e a República Portuguesa seja profunda. O conhecimento recíproco das nossas realidades permite-nos conjugar os esforços e harmonizar os meios para a materialização desta aspiração profunda dos nossos povos.

A sua visita ao nosso País, Senhor Primeiro-Ministro, é um marco na história das nossas relações e um momento importante no processo da dinamização e consolidação dos laços de cooperação económica, científica, técnica e cultural entre os nossos países.

Senhor Primeiro-Ministro,

A paz é a aspiração fundamental dos povos de todos os continentes e de todas as latitudes, independentemente da raça ou cor da pele. É uma aspiração que vive ardentemente no coração do nosso povo, que enfrentou a ocupação colonial, que fez face à agressão do regime racista da Rodésia do Sul e que hoje defende a Pátria na guerra não declarada que nos move o hediondo regime do «apartheid».

Porque conhece a guerra, o nosso povo ama profundamente a paz e a

luta pela justiça e segurança entre as nações.

O mundo vive num clima de confrontação.

Por isso, é com grande preocupação que vemos a crescente deterioração das relações internacionais, o avulmar das ameaças à paz, o renascer do espírito da «guerra fria», a escalada belicista.

E com apreensão que assistimos ao avanço da política do imperialismo de alimentar focos de tensão e apoiar guerras localizadas. Particularmente grave é a situação que se vive no Médio Oriente com a agressão genocida generalizada de Israel ao Líbano, país independente e soberano.

São velhos, mulheres e crianças indefesas a quem as bombas criminosas arrancam as suas vidas, ou destroem os seus bens. São bombas que espalham a dor e o luto obedecendo a concepções militaristas, que pareciam já ter sido banidas pela história. São massacres que nos remetem à triste memória da barbárie nazi.

A passividade da Comunidade Internacional perante estes crimes pode constituir um encorajamento para que em outras zonas de tensão, semelhantes agressões possam ocorrer.

A indiferença com que a Comunidade Internacional trata a ocupação de parte do território da República Popular de Angola, país independente e soberano, pode ter sido o sinal que encorajou para esta acção criminosa de Israel.

Vivemos na fronteira com o regime mais odiado do nosso planeta, o regime racista e nazi-fascista sul-africano. Moçambique e os países independentes da nossa zona estão empenhados na luta comum pelo desenvolvimento económico e social. Criámos o instrumento de coordenação dos nossos esforços, a SADCC. Os nossos esforços visam liquidar a dependência económica em que os nossos países vivem ainda, e que nos mantém amarrados ao subdesenvolvimento.

O regime racista sul-africano, regime nazi-fascista da nossa época condenado pela humanidade inteira, está empenhado em perpetuar a dependência económica, dos nossos países, tal como está empenhado em preservar a opressão sobre o Povo Sul-Africano, e a ocupação ilegal da Namíbia.

A agressão sistemática e a acção desestabilizadora contra os nossos Estados, é parte integrante da política global do regime de Pretória para expandir a sua hegemonia a toda a África Austral, espalhando igualmente a sua civilização atrasada.

Contra esta nova agressão, contra esta nova ameaça à nossa independência, à nossa liberdade, o nosso povo

erguer-se-á em armas com a mesma determinação de sempre. Uma vez mais esmagaremos a agressão, derrotaremos o inimigo.

Saudamos as posições correctas que Portugal tem tomado na condenação das agressões cometidas pelo regime sul-africano contra Angola, Moçambique e outros Estados da Linha da Frente.

Saudamos também as posições que o Governo português tem tomado em relação à Namíbia, no contexto da Organização das Nações Unidas.

De igual modo manifestamos o nosso apreço pelas iniciativas do Governo português na procura de uma solução correcta para a situação da República Democrática de Timor-Leste, cujo povo é vítima duma brutal operação de genocídio.

Senhor Primeiro-Ministro, Excelência,

Renovamos os nossos votos de boas-vindas à República Popular de Moçambique, Pátria livre de um povo generoso que vos acolhe com amizade.

Os nossos dois países têm amplas possibilidades de coordenar as suas energias, os seus meios, as suas inteligências, os seus esforços.

Em economia, o melhor relacionamento é a interdependência.

Os nossos dois Governos, Senhor Primeiro-Ministro, têm hoje a tarefa histórica de criar os alicerces seguros da amizade para as gerações vindouras. O nosso povo costuma dizer que «é preciso semear hoje para colher amanhã». O que fizermos hoje, definirá o futuro das nossas relações.

Convido-vos a juntarem-se a mim num brinde:

À saúde de Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa,

À saúde de Sua Excelência o Primeiro-Ministro do Governo da República Portuguesa, Doutor Francisco Pinto Balsemão e de sua esposa, Dona Mercedes Pinto Balsemão,

À saúde dos membros da delegação portuguesa,

À amizade e solidariedade entre o Povo Português e o Povo Moçambicano,

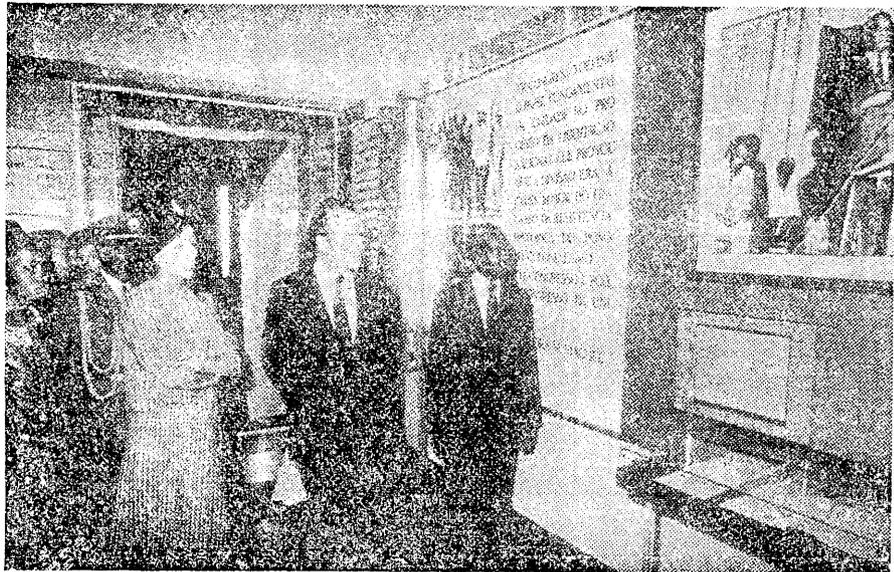
À cooperação entre a República Portuguesa e a República Popular de Moçambique,

À saúde de todos os presentes,

À paz e progresso dos Povos,

À Luta Continua!

Obrigado.



O Primeiro-Ministro Pinto Balsemão e esposa, acompanhados pelo Ministro Joaquim Chissano, visitaram ontem o Museu da Revolução